

TEMPOS DO FIM E GENEALOGIA DO OCIDENTE

O messianismo de Abellio – Parte 4

por Éric Coulon

Resumo

Com esta quarta parte, nós passamos da escala ontogenética à escala filogenética. Duas questões impõem-se-nos, então, no quadro do messianismo gnóstico abelliano: 1) a filogénese constitui um domínio separado da ontogénese, paralelo a ele e possuindo a sua própria problemática, ou estabelecem ambos os domínios, entre eles, uma relação estreita e convergente, comandada por um desafio comum? 2) que significam e que aspetos assumem o tempo e a experiência messiânica à escala da história?

A aparição de um processo messiânico no coração da história produz uma tensão crítica que faz com que a própria história não fale mais por si e se torne um problema. A ideia que defende então o messianismo abelliano, ideia que expressa a sua originalidade e a sua pertinência, é que este processo, esta tensão e este problema não podem explicar-se, compreender-se e resolver-se, nem em termos teóricos nem práticos, se não o interpretarmos a partir da esfera ontológica e transcendental das etapas genéticas da consciência, entendidas como a sua causa, a sua matéria e o seu efeito.

É, portanto, a odisseia da *consciência transcendental* que é o assunto insigne e central do messianismo abelliano, o fator chave que distingue e une a ontogénese e a filogénese. É ela que garante assim a unidade, a continuidade, a coerência e o sentido da “ontogénese universal” correspondendo à partida e ao regresso do Filho. Desde logo, o *processo* em questão reenvia não à economia da salvação ou à economia do progresso mas à economia da conversão, da transfiguração e da assunção transcendentais; a *tensão* induzida, por vezes fonte de conflitos, é ela que se instala entre a consciência e a história, mas também, com modalidades particulares, entre o conhecimento transcendental e o poder mundano, ou entre o Ocidente e a Europa; quanto ao *problema* levantado, ele traduz-se por um quádruplo questionamento e relativização da história pela consciência: epistemológica (a narrativa histórica depende do poder gnóstico de historialização da consciência transcendental), hermenêutica (a narrativa histórica deve ser compreendida como a da génese metafísica da consciência transcendental), axiológica (os acontecimentos, os atores, os pensamentos, as ações, os movimentos de ideias e os valores que compõem a récita histórica devem ser avaliados e selecionados tendo em vista as questões trazidas por essa génese destinada), escatológica (a récita histórica encontra o seu termo na efetivação dessa génese).

A consciência transcendental, ao constituir-se, ao longo do tempo e da experiência messiânicas, da história, constitui-se, portanto, ela mesma, como realidade, desta vez não imediatamente, mas mediamente, através das condições, ao ritmo das etapas e sob a forma de figuras culturais e civilizacionais da sua manifestação. Nós veremos porquê o período messiânico filogenético, tido por Abellio como tempo em que esse *fim da história* se cumpre, coincide com o destino do povo judeu e a irrupção do cristianismo. Para a mesma — sob a designação de “Ocidente” — lograr converter-se, assim, por ela e nela, era necessário à consciência transcendental um método adaptado capaz de reconstituir o fio (e a filiação), de identificar a origem, de compreender o sentido e de reconhecer o fim da sua própria

gênese. Esse método, Abellio encontrou-o na genealogia, tornada ciência do devir transcendental da consciência, assim como do devir consciente do transcendental, ciência que devolve o sentido do passado a partir do presente, ao mesmo tempo que conduz o presente destinatário do passado à prova do destino.
